

Falas maternas sobre alimentação infantil

Maternal discourses on child feeding

Recuerdos maternos de la alimentación de sus hijos

Ruth Ramalho Ruivo Palladino¹ 

Maria Claudia Cunha¹ 

Gabriela Casimiro Aroca¹ 

Fernanda Prada Machado¹ 

Resumo

Introdução: A alimentação aparece em todas as explicações sobre os processos e ações humanas, o que confirma o fato de não ser uma conduta natural, mas efeito da interação entre indivíduos, inaugurada na relação mãe-bebê. **Objetivo:** Identificar apagamentos, lapsos e resistência nas memórias de mães de crianças, adolescentes e jovens adultos primogênitos, sobre o processo de alimentação de seus filhos. **Método:** descritivo, exploratório realizado com mães de crianças, adolescentes e adultos com desenvolvimento típico que responderam a um questionário sobre a alimentação. **Resultados:** As perguntas relativas à amamentação e ao desmame foram respondidas de forma assertiva, mostrando que estes são fatos simbólicos, que marcam a lembrança materna. **Conclusão:** As lembranças maternas sobre as cenas alimentares com seus filhos mostram os movimentos de união e separação entre o par interacional. É possível apontar que apenas para as perguntas relativas à amamentação e ao desmame as respostas são totalmente assertivas, indiciando que são fatos simbólicos que marcam a memória materna.

Palavras-chave: Linguagem; Comportamento alimentar; Memória; Vínculo

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

RRRP: concepção e desenho do estudo, revisão de literatura, análise e interpretação de dados, elaboração do manuscrito, revisão intelectual do manuscrito, aprovação final da versão submetida à revista.

MCC: revisão intelectual do manuscrito, aprovação final da versão submetida à revista.

GCA: revisão de literatura, coleta de dados, análise e interpretação de dados, elaboração do manuscrito, aprovação final da versão submetida à revista.

FPM: análise e interpretação de dados, elaboração do manuscrito, revisão intelectual do manuscrito, aprovação final da versão submetida à revista.

Endereço de e-mail: Fernanda Prada Machado - femachado@uol.com.br

Recebido: 21/11/2023

Aprovado: 27/02/2024

Abstract

Introduction: Feeding appears in all explanations about human processes and actions, which confirms the fact that it is not a natural behavior, but an effect of the interaction between individuals, initiated in the mother-baby relationship. **Objective:** To identify erasures, lapses and resistance in the memories of mothers of first-born children, adolescents and young adults, about the process of feeding their children. **Method:** descriptive, exploratory carried out with mothers of children, adolescents and adults with typical development who responded to a questionnaire about nutrition. **Results:** Questions regarding breastfeeding and weaning were answered assertively, showing that these are symbolic facts, which mark maternal memories. **Conclusion:** Maternal memories of eating scenes with their children show the movements of union and separation between the interactional pair. It is possible to point out that only for the questions related to breastfeeding and weaning the answers are completely assertive, indicating that they are symbolic facts that mark maternal memory.

Keywords: Language; Feeding behavior; Memory; Attachment

Resumen

Introducción: La alimentación aparece en todas las explicaciones sobre los procesos y acciones humanas, lo que confirma que no es un comportamiento natural, sino un efecto de la interacción entre individuos, iniciada en la relación madre-bebé. **Objetivo:** Identificar borramientos, lapsos y resistencias en los recuerdos de madres de primogénitos, adolescentes y adultos jóvenes, sobre el proceso de alimentación de sus hijos. **Método:** descriptivo, exploratorio realizado con madres de niños, adolescentes y adultos con desarrollo típico que respondieron un cuestionario sobre nutrición. **Resultados:** Las preguntas sobre lactancia materna y destete fueron respondidas de manera asertiva, demostrando que se trata de hechos simbólicos, que marcan los recuerdos maternos. **Conclusión:** Los recuerdos maternos de escenas de comida con sus hijos muestran los movimientos de unión y separación entre la pareja interaccional. Es posible señalar que sólo para las preguntas relacionadas con la lactancia materna y el destete las respuestas son completamente asertivas, indicando que son hechos simbólicos que marcan la memoria materna.

Palabras clave: Lenguaje; Conducta alimentaria; Memoria; Vínculo

Introdução

A alimentação comparece em todas as explicações sobre os processos e ações humanas, o que confirma o fato de não ser uma conduta natural, mas efeito da interação entre indivíduos, inaugurada na relação mãe-bebê¹. Comer é uma ação humana que conjuga natureza, cultura e subjetividade e, assim, é uma conduta simbólica. Quer dizer, é necessidade biológica, mas condicionada a repertórios de práticas e pactos socialmente construídos e partilhados, além de constituir uma cena de intersubjetividade, que implica emoções, sentimentos, projeções, construção subjetiva e identidade social^{2,3}.

Neste sentido, o discurso sobre a alimentação diz de todas as condutas e contingências humanas: rituais cotidianos, tradições e costumes, classe e posição sócio-econômica-cultural, estados de saúde, não sendo possível esquecer que o alimento sempre

participou, como protagonista ou como coadjuvante, dos procedimentos de tratamento das doenças ou mesmo de sua prevenção^{4,5}. Note-se que, também e sobretudo, pela sua natureza, a alimentação é cena de um cuidado materno fundamental, tem lugar central no desenvolvimento infantil, porque em seu entorno se organizam, desde o nascimento, as experiências de interação entre a mãe e o bebê, início da circulação intersubjetiva, bem como se formam e se apresentam os impasses que podem acometer este par^{5,6,7}.

Desde Freud⁸ sabe-se que as experiências sensoriais, como o sugar o seio, são, concomitantemente, vivências psíquicas organizadoras, determinantes na gênese subjetiva e no desenvolvimento da criança. Nesta perspectiva, podemos dizer que o conhecimento e o afeto começam pela boca. Na verdade, aquilo que entra pela boca funciona como apoio para experiências psíquicas

originárias, onde o nível cognitivo e afetivo ainda não se diferenciam⁹.

Esta relação, que se monta no interior da cena de alimentação, sustenta o desenvolvimento da criança, e vai se transformando ao longo do tempo, com marcas importantes sobretudo nos períodos de transição, daí se considerar como importante a história que se constrói na coreografia que apresenta a circulação de ações, fala e afetos entre o par, da amamentação às refeições familiares^{8,10}.

Esta história demonstra, por um lado, o processo pelo qual a criança passa de uma condição de total dependência até alcançar autonomia e participar das refeições familiares e, por outro, as operações que lançam a mãe a se diferenciar e se separar do bebê, autorizando a autonomia da criança e, com isto, assumir seus novos papéis na relação a partir de um conjunto de operações psíquicas fundamentais¹¹.

Os cuidados maternos ganharam lugar na cultura ocidental a partir do século XVIII, fazendo com que as ideias de maternidade e de maternagem, passassem a ficar amalgamadas, uma associação que, enfim, atribuiu valor à mulher. Surge a ideia de amor materno, que vai sustentar a responsabilidade da mulher pelos cuidados da criança¹².

Tendo como material os achados apresentados por esse estudo, a presente pesquisa buscou refletir sobre o posicionamento materno em sua relação com os filhos. Do que as mães se lembram? Quais os momentos de alimentação que faz marcas resistentes? Há momentos que não fazem marcas? Há momentos confusos? Ou sobre os quais as mães preferem não falar? Como a alimentação representa os movimentos de fusão e separação entre mãe e criança? A alimentação é lugar em que tal valor se tornou incomparável e isso ocorreu quando a mãe passou a amamentar seus bebês, dispensando as amas de leite, figura presente durante muito tempo na estrutura familiar. Na cena alimentar, a mãe ganhou reconhecimento, valor e lugar social, bem como passou a usufruir vivências narcísicas importantes, como os estudos clássicos de Algranthi¹³, Ariés¹⁴ e Almeida¹⁵ relatam. Mais ainda, ao alimentar seu bebê com seu próprio seio, a mulher refaz com seu bebê laços rompidos pelo nascimento, o que Freud⁸ denomina primeira cesura, passando a ser coadjuvante no processo de subjetivação da criança.

A maternagem, processo culturalmente constituído, resultou principalmente do discurso médico

que elevou a mulher a uma posição fundamental, a de alimentadora, começando pela amamentação. Este discurso colocou a mãe em uma posição principal em nome da saúde e da higiene, condições importantes para a sobrevivência das crianças que, em sua vez, também foram inseridas em outra posição, passando a não serem descartáveis¹². A alimentação ficou vinculada à saúde e apenas muito tempo depois, no início do século XX, ganhou lugar privilegiado na instauração e sustento das relações subjetivas entre mãe e criança.

Contudo, observa-se que, diferente do discurso de estímulo à alimentação, ainda que com pouca consideração quanto ao desejo materno, o desmame é tratado de modo superficial, como se fosse um desfecho natural da própria amamentação¹⁶. O desmame é uma operação pouco cuidada e, além do mais, anuncia uma nova imposição à mãe, ela deve ser a nutricionista exemplar na sua posição de alimentadora, agora responsável pela escolha, preparo e oferta da comida à criança.

Atualmente, a alimentação segue sendo um cuidado materno fundamental, sobretudo porque é cenário de trocas afetivas, de constituição subjetiva da criança e constante reposicionamento subjetivo da mãe. A alimentação mostra a coreografia de união-separação constitutiva das relações entre o par mãe-criança: amamentação-desmame; transições alimentares-posturação da criança; do frente a frente do alimentar ao lado-a-lado nas refeições familiares, da tutela para a autonomia infantil^{17,18}.

Os impasses que podem surgir nas cenas de alimentação envolvem, portanto, o par alimentador/alimentado, mãe/criança. Há muitas pesquisas que tratam das questões que se apresentam e que se vinculam à competência e condições da criança^{19,20}. Estas pesquisas, no campo da Fonoaudiologia, realçam os aspectos ligados à motricidade orofacial das crianças e, em alguns estudos, as repercussões destas dificuldades nas condutas parentais¹⁹.

Contudo, as pesquisas diminuem quando se trata das contingências maternas na cena, apesar de a mãe estar inevitavelmente integrada à etiologia dos impasses ou problemas. E por contingências se entende percepções e sentimentos maternos com a cena alimentar que a cada vez se instala entre ela e sua criança: amamentar, desmamar, oferecer alimentos pastosos, sólidos, inserir a criança em posições adequadas para a alimentação rumo à autonomia e às refeições familiares, construir preferências e adaptações sociais^{21,22}.

Estudos sobre a percepção e os sentimentos maternos envolvidos na cena alimentar são importantes, pois auxiliam na compreensão dos impasses e problemas que podem surgir. Note-se que as condutas maternas, a mãe na posição de alimentadora, são definidas psíquica e culturalmente⁷. Essa história vai sendo montada ao longo do tempo e, portanto, passam a ter uma existência principalmente nas lembranças, marcas que permanecem destas vivências maternas de acontecimentos nas cenas alimentares^{21,22}.

As memórias das mães podem fornecer informações sobre os fatores culturais, sociais e emocionais que influenciam as práticas de alimentação, o que por sua vez, poderia ajudar os profissionais de saúde a desenvolverem intervenções para promover práticas saudáveis e adequadas de alimentação infantil. Além disso, as memórias maternas sobre suas experiências com a alimentação, podem ajudar a identificar fatores que favorecem ou dificultam o início, a duração e a exclusividade da amamentação, percalços do desmame e rotas no desenvolvimento das práticas alimentares^{21,22}.

Uma investigação sobre uma eventual diferença nas lembranças relativas à alimentação de mães de primogênitos, crianças, adolescentes e adultos realizada em estudo recente²¹, concluiu que as lembranças permanecem vivas no que se refere à amamentação e ao desmame, apesar do tempo que se passou. Assim, pode-se dizer que estas cenas são básicas para a construção da relação entre o par mãe-criança e, com isso, mantém valor e significação para as mães.

O referido estudo foi desenvolvido por meio de um questionário, aplicado com as mães, constituído por 20 perguntas, que vão do desejo da amamentação, a tutela plena e absoluta da criança pela mãe, até as refeições familiares, lugar emblemático da autonomia infantil. Portanto, perguntas que implicitamente investigam os movimentos de fusão-diferenciação entre o par interacional, operações importantes da constituição subjetiva infantil.

Objetivo

Identificar apagamentos, lapsos e resistência nas memórias de mães de crianças, adolescentes e jovens adultos primogênitos, sobre o processo de alimentação de seus filhos, da amamentação às refeições familiares e identificar movimentos

de fusão-separação que as cenas alimentares representam.

Método

Pesquisa exploratória, descritiva

Este estudo utilizou o banco de dados da pesquisa de Arouca²¹ (com aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa) que teve por objetivo investigar memórias maternas de cenas alimentares de seus filhos em diferentes períodos etários (infância, adolescência e vida adulta), visando identificar se havia ou não diferença em termos de lembranças destas cenas. Nesta pesquisa, trinta (30) mães responderam a um questionário sobre a história alimentar de seus filhos, da amamentação às refeições familiares, divididas em três cotas (dez mães de crianças, dez de adolescentes e dez de jovens adultos).

O critério utilizado para o estabelecimento de cotas pela idade dos filhos se refere à variável (tempo) apontada por alguns estudos deste tipo, relativa à interferência dos afetos na memória para o fornecimento de informações pessoais.

A seleção das participantes do estudo se deu por conveniência: mães de crianças adolescentes e adultos com desenvolvimento típico que se mostraram disponíveis para responder um questionário sobre o desenvolvimento alimentar de seus filhos e que se comprometeram a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).-

O instrumento utilizado foi um questionário clínico, denominado “Mães e Alimentação”, que se propõe a identificar percepções e sentimentos maternos em cenas alimentares.

O questionário utilizado, elaborado e aplicado em estudos anteriores^{21,22}, é composto por 20 perguntas (P), 12 do tipo sim/não e 08 com opções não sei/não lembro/prefiro não responder, além das opções sim/não e foi estruturado a partir de quatro domínios de conteúdo: 1 - Antes da Amamentação: expectativas maternas sobre a amamentação; 2 - Durante a Amamentação: processos, sensações maternas e interação com bebê; 3 - Desmame: processo sobre desmame e apoio/orientação profissional; 4 - Transições Alimentar: percepções, sensações e sentimentos maternos no período de transição: procedimentos escolhidos de alimentação e ações maternas na troca de alimentos; interpretação da mãe sobre reações da criança frente às novidades; sua participação na construção do paladar e respeito

às preferências infantis; a introdução da criança em refeições familiares.

Os dados coletados a partir do Formulário Google foram posteriormente analisados por estatística descritiva. Os resultados foram apresentados de acordo com os domínios de conteúdo que compõem a estrutura do questionário

Resultados

Antes da amamentação

Todas as mães responderam afirmativamente para a pergunta inicial sobre o desejo de amamentar.

A resposta mais frequente para o motivo da amamentação foi a saúde do bebê, sendo que nas cotas 1 e 2, o vínculo também foi apontado como motivo e na cota 3, apenas a saúde em 100% das respostas.

Com relação às orientações sobre amamentação recebidas de profissionais, enfermeira/pediatra e obstetra foram aqueles que mais deram orientação, com destaque para o profissional de enfermagem.

Durante a amamentação

100% das mães da cota 3 amamentaram seus filhos desde o nascimento, já nas cotas 2 e 3, 90% das mães responderam afirmativamente para essa questão e 10% responderam não.

A nutrição aparece como o fator principal nas orientações para a amamentação, principalmente para as mães da cota 3, seguida do posicionamento do bebê na mamada essencialmente para as mães da cota 1 e por último, o vínculo.

90% das mães apontam que a amamentação teve início desde o nascimento tanto na cota 1 como na 2.

Com relação ao tempo que amamentou, verificou-se na cota 1 grande variedade de respostas, indo de 6 meses a até mais de 24 meses em 20% dos casos. Nas cotas 2 e 3 este tempo é mais limitado: entre 1 e 12 meses (70% dos casos) na cota 2 e 6 meses para a maioria (70%) na cota 3.

As principais sensações relatadas durante a amamentação foram: prazer, satisfação e alegria, porém ligação afetiva é apontada por 60% das mães das cotas 1, 2 e 3.

A maioria das mães (80% da cota 1, 90% da 2 e 90% da 3), aponta que seus bebês mamavam bem.

Todas as mães (100%), de todas as cotas, apontam que havia interação entre elas e seus bebês durante a amamentação.

Para a pergunta sobre como interagem com seus bebês, as mães responderam: fazendo carinho (40% nas cotas 1 e 2 e 50% na cota 3), conversando (30% nas cotas 1 e 3 e 50% na cota 2) e olhar (30% na cota 1 e 20% na cota 3).

Nas cotas 2 e 3 100% das mães apontam que seus bebês reagiam às suas expressões na interação. Na cota 1, 80% aponta que havia reação.

Em todas as cotas, o olhar do bebê foi apontado como meio privilegiado de reação às manifestações das mães na interação.

Desmame

Já com relação ao desmame, em todas as cotas, a maioria das mães alega que o desmame foi tranquilo (90% das mães das cotas 1 e 3 e 80% das mães da cota 2).

Em todas as cotas há indicação de uma ausência de orientação para o desmame. Na cota 1, 60% foi orientada e 40% não; na cota 2, 50% recebeu orientação e 50% não, na cota 3, 40% não recebeu orientação.

Nas cotas 1 e 2, o pediatra foi o mais apontado em dar orientações sobre o desmame, seguido dos familiares. Na cota 3, há informação sobre a participação de enfermeiras e pediatras. As respostas “não sei” e “não lembro” surgem em todas as cotas.

A alternância entre peito e mamadeira foi a maneira mais citada de se operar o desmame.

Transição alimentar

A transição alimentar é uma operação de que quase todas as mães, de todas as cotas, gostam de executar: 100% das mães das cotas 1 e 3 e 80% da cota 2.

A maioria das crianças aceitou bem a transição alimentar; segundo 90% das mães das cotas 1 e 2 e 100% das mães da cota 3.

Todas as mães, de todas as cotas, disseram gostar de oferecer a nova alimentação

Sobre o local em que alimentavam a criança, as 50% das mães da cota 1 responderam usar o cadeirão e 40% das mães das cotas 2 e 3 faziam o mesmo. Carrinho também apareceu como resposta para 30% das mães das cotas 1 e 2 e 50% das mães da cota 3 usavam o carrinho.

Conversar e estimular a comer bem apareceram como respostas para a pergunta sobre como a

interação se dava durante a alimentação. 80% das mães da cota 2 e 40% e 60% das mães das cotas 1 e 3 respectivamente responderam dessa forma.

Dois anos é a faixa etária em que mais frequentemente a autonomia das crianças é apontada pelas mães (50% na cota 1, 40% nas cotas 2 e 3).

As crianças passaram a participar das refeições familiares entre 1 e 2 anos (70% nas cotas 1 e 2 e 80% na cota 3).

A maioria das mães aponta que conversava sobre o gosto dos alimentos, sendo que na cota 3 70% das mães responderam afirmativamente para essa pergunta.

Sobre respeitar o gosto da criança na preparação das refeições, 90% das mães da cota 1 responderam que sim, assim como 70% das mães das cotas 2 e 3.

Discussão

A amamentação coreografa a união mãe-bebê, um reenlace geralmente prazeroso do par, com conteúdos emocionais importantes ganhando a cena, ao lado e apesar de pressões culturais e sociais que, geralmente, são consideradas os aspectos determinantes. Importa verificar que todas as respostas para as perguntas deste domínio foram apresentadas, indicando o alto valor destas experiências, para cada um e para o par. São lembranças que não se apagam.

Todas as mães, de todas as faixas estudadas, responderam que tinham a pretensão de amamentar e que o fizeram desde o nascimento dos filhos. Nas diferentes faixas, a maioria aponta que a amamentação se deu até 6 meses do filho, sendo que algumas das mães das crianças pequenas, acusam um prolongamento no tempo de amamentação, o que parece expressar um efeito de programas de estímulo às mamadas que foram incrementados no passado^{23,24} mas que se reatualizam em diferentes períodos, sobretudo recentemente, quando o discurso sobre a alimentação natural se consolida. Informações intelectuais, rituais culturais, expectativas sociais conformam a amamentação, mas não se deve desprezar o aspecto psíquico do ato, o que parece ser determinante^{6,7}.

As respostas mostram que falar, olhar e acariciar o bebê são os gestos privilegiados para encenar esta ligação, espontaneamente executados e recompensados pelos gestos e olhar do bebê. Diversos estudos indicam que o olhar do adulto dirigido à

criança nas situações de cuidado desempenha um papel importante no seu desenvolvimento, sendo que a criança é, desde cedo, sensível à presença e direção desse olhar²⁵ e também do som da voz humana, precocemente da voz de sua mãe.

Quando se realça o aspecto afetivo, é preciso incluir na discussão a determinação de conteúdos inconscientes na amamentação, que pode fracassar ou ainda ser recusada. Isto também se expressa em respostas maternas à pergunta sobre as sensações durante a amamentação, em que a dor é apontada como uma sensação lembrada. Expressar sentimentos, sensações, de qualquer natureza e intensidade aponta para a constituição multifacetada do ato de amamentar, inclusive quando causa mal-estar. Mas, mais recentemente, os estudiosos mostram que a decisão de amamentar não é apenas um ato objetivo, mas, sim, um ato em que a subjetividade tem lugar de destaque²⁶, podendo ser prazerosa ou não.

O desmame, ao contrário, representa o início da separação entre a mãe e a criança, importante para a evolução subjetiva da criança e o reposicionamento subjetivo da mãe. O desmame é uma operação importante do processo alimentar infantil, pois inclui não apenas a mudança no teor, gosto, textura e volume dos alimentos, com consequente uso de instrumentos estranhos para o consumo, como a colher, como também o reposicionamento da criança, já que ela não poderá mais consumir alimentos na posição de decúbito dorsal, devendo se afastar do aconchego materno, indo para o carrinho ou cadeirão, por exemplo. Essa cesura, que parece ser apenas espacial, é, também e sobretudo, psíquica e daí podem advir várias consequências¹⁶, tanto para criança quanto para a mãe.

Note-se que neste domínio, surgem algumas respostas “não sei”, “não lembro”, indiciando zonas de somreamento nestas lembranças que envolvem os movimentos de separação entre o par. Mais ainda, traz para a mãe a necessidade de compor outras representações da ligação entre ela e sua criança, de corpos não mais amalgamados, mas frente a frente e a comida de intermediária entre o par. Um inédito que pode impactar¹⁶.

Mas, em pouco tempo, a cena começa a mobilizar a mãe que se reafirma na posição de alimentadora e, novidade, de parceira da criança. Apesar de alguns percalços no processo de desmame, as mães exprimem prazer com a oferta de novos alimentos e na criação de novas cenas alimentares,

fato observado em todas as faixas estudadas, confirmando a importância que assumir a posição de alimentadora tem na construção da subjetividade no interior do processo da maternidade^{9,10,12}, reafirmada pela reação igualmente prazerosa da criança. As respostas para as perguntas que envolvem o tema da introdução alimentar exprimem isto. Falar com o bebê no decorrer da cena alimentar é o que dá o tom nesta situação de enlaçamento¹.

Com o desmame é necessária a introdução de alimentos complementares que atendam às necessidades nutricionais da criança. Essa introdução alimentar sofre influência de diversos fatores, entre os quais o desempenho da mãe ganha relevância, por constituir o elemento fundamental nos cuidados com a criança. Os cuidados maternos se voltam, sobretudo, à nutrição adequada da criança e, assim, o peso que ela ganha, ou perde, passa a ser considerado um indicativo de saúde, o que provoca insegurança e ansiedade, uma vez que o manejo alimentar acaba sendo de responsabilidade principalmente materna¹².

O privilégio por alimentos mais doces e menos consistentes parece ser, entre outras, uma questão de agrado e fortalecimento das relações para as práticas alimentares que são sociais, culturais, afetivas e psíquicas, derivam de conhecimentos, vivência, experiências e sentimentos, destacando-se o vínculo com a mãe, visto que esta constitui o elemento fundamental nos cuidados com a criança. Parece ser exatamente em função desta complexidade que, além de cuidar da nutrição, a mãe cuida também da relação e da sua condição de provedora e neste sentido compreende-se, assim, a satisfação na oferta de novos alimentos e o carinho do doce, fato que as palavras de Lévy-Strauss²⁶ lembram muito bem. Alguns relatos maternos coletados na pesquisa atestam a preferência da criança por alimentos com menos consistência.

As transições alimentares exibem os movimentos do par mãe-criança rumo à autonomia da criança e, também, a total separação entre uma e outra. Nestes domínios, também surgem respostas “não sei”, “não lembro”, indicando alguns apagamentos das lembranças. Este é um momento importante porque é composto por movimentos da criança em direção a uma condição subjetiva diferente e a um papel social diverso, o que pode estar relacionado a estes apagamentos.

As crianças, segundo as respostas das mães de jovens adultos, começam a assumir alguma inde-

pendência alimentar entre 1 e 2 anos, podendo participar das refeições familiares. Esta independência aparentemente precoce parece importante para essa faixa do estudo. Nas outras faixas, diferentemente, esta independência vem mais tarde e, conseqüentemente, o convívio familiar na alimentação também, como se observa nas respostas às perguntas sobre quando a criança começou a comer sozinha e a participar das refeições familiares^{18,28}.

Há estudos que apontam que o movimento de separação da criança de sua mãe, com quem vinha mantendo uma relação do tipo fusional, se expressa também na alimentação, quando há manifestações de seleção, preferência e recusa, assim como se iniciam tentativas de lidar com talheres e dispensar o auxílio materno, demonstrando prazer e alegria em participar das refeições familiares. Essa conduta na alimentação é acompanhada igualmente nas condutas nas situações de banho e vestimenta, um conjunto que gera sentimentos ambivalentes nas mães, entre prazer e ansiedade pela dificuldade no controle das situações²⁷. Importa verificar que as mães de filhos mais velhos apontam uma independência mais tardia, o que implica trazer à reflexão, novamente, o lado cultural das práticas de cuidado, pois, em certo momento, a autonomia infantil não era uma meta a ser atingida precocemente.

É interessante verificar que, na maioria, as mães posturam adequadamente as crianças para o consumo alimentar, pelas respostas da pergunta sobre onde alimentavam a criança o que é importante sob vários aspectos: psicomotor, nutricional e interacional. Estudo sobre postura alimentar de pré-escolares mostram que as crianças têm condutas relacionados à cadeia de comportamentos alimentares, sendo raros os casos em que isso não se observa, preferindo andar pelo entorno ou mesmo ficando deitados²⁸. Em outras palavras, desde cedo as crianças são inseridas na cena alimentar plenamente, rumo às refeições familiares^{17,18}, expressão de uma conduta simbólica fundamental, a comensalidade. A comida, que é o alimento transformado pela cultura, passa a possuir também a função social, que reúne os seres humanos, a o que se dá o nome de “comensalidade”, contingência que estabelece e reforça a sociabilidade. É pela cozinha e pelas maneiras à mesa que se produzem as aprendizagens sociais mais fundamentais e que uma sociedade transmite e permite a interiorização de seus valores²⁸. A alimentação é uma das formas de se tecer e se manter os vínculos sociais, constitui

ao mesmo tempo, matrizes e campo para expressão de modalidades relacionais vivenciadas pelo bebê e seus pais, sendo assim, base importante para o contínuo desenvolvimento de suas interações.

A autonomia infantil se expande, chegando às situações de escolha e preferências alimentares. Sabe-se que a mãe vai, aos poucos, introduzindo a criança nos costumes alimentares da família, oferecendo com privilégio certos alimentos em certos preparos.

Quer dizer, gosto, preferências e recusa/aceitação alimentar são efeitos de uma construção entre criança e seu cuidador, quer dizer, não são naturalmente dadas. O processo de escolha alimentar, na maior parte das vezes, não se dá apenas pela opção nutricional, mas pelas influências do convívio social cotidiano, que podem estar presentes nas relações familiares, mas também em quaisquer outros locais de convivência que permitem trocas entre os comensais²⁸.

As respostas maternas às perguntas sobre conversar sobre o gosto dos alimentos e respeitar o gosto da criança revelam exatamente isto. Note-se, entretanto, que há respostas “não lembro” e, com certa frequência, de respostas “não” sobretudo para essa última pergunta (você respeitava o gosto da criança?) indiciando, talvez, uma certa tendência das mães em cumprirem adequadamente o papel de nutriz, privilegiando certos alimentos que não necessariamente são do gosto ou preferência de seus filhos, colocando o valor nutricional em destaque. Ou, talvez, como modo de manter a criança em certo confinamento simbólico representado pelo que se conhece por costumes familiares, estrutura de pertencimento original²⁹. Escapar disto mostra a criança mais distante dos primeiros laços.

Conclusão

As lembranças maternas sobre as cenas alimentares com seus filhos mostram os movimentos de união e separação entre o par interacional.

É possível apontar que apenas para as perguntas relativas à amamentação e ao desmame as respostas são totalmente assertivas, indiciando que são fatos simbólicos que marcam a memória materna. Diferentemente, para respostas a perguntas de outros domínios, há zonas de sobreamento, lapsos e confusões, o que pode estar ligado a dificuldades encontradas no percurso.

Importa apontar para a relevância que as mulheres atribuem à sua função de alimentadoras, com manifestações do prazer que envolve as transições alimentares e o cuidado de ir introduzindo a criança, paulatinamente, na situação social da alimentação, que encena, em última instância, a separação da mãe e da criança.

Sugere-se que novas pesquisas sobre este tema sejam feitas a fim de elucidar, cada vez mais, a relação mãe-criança, fonte de subjetivação e de desenvolvimento infantil.

Referências

1. Pereira AS, Vorceiro AMR, Keske-Soares M. Direccionamientos maternos y producciones vocales infans: el sujeto en constitución. *Psicologia em Estudo*. 2021; 26. doi: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.44317>
2. Gurian FG, Valasqui da Silva E. As múltiplas facetas da alimentação na história. *História e Cultura*. 2020; 9(2): 2-10. doi: <https://doi.org/10.18223/hiscult.v9i2>
3. Vendrame MI. O “paraíso terrestre”: alimentação como propaganda e construção da identidade italiana no sul do Brasil. *Rev Bras Hist Cienc Soc*. 2018;10(20): 264-86.
4. Oliveira MSS, Amparo-Santos L. Guias alimentares para a população brasileira: uma análise a partir das dimensões culturais e sociais da alimentação. *Cienc Saude Colet*. 2020; 25(7): 2519-28. doi: [10.1590/1413-81232020257.22322018](https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.22322018)
5. Palandri Sigolo R. “O alimento como remédio natural”: saúde e estilo de vida alternativo no Brasil da década de 1970. *Rev Hydra*. 2020; 4(8): 6-33. doi: <https://doi.org/10.34024/hydra.2020.v4.10675>
6. Palladino RRR, Souza LAP, Pallotta ML, Costa R, Cunha MC. Dormir, comer e falar: enlaçamento simbólico. *Rev Cient Multidiscip Núcleo do Conhecimento*. 2021; 6(8): 153-70. doi: [10.32749/nucleoconhecimento.com.br/psicologia/enlaçamento-simbólico](https://doi.org/10.32749/nucleoconhecimento.com.br/psicologia/enlaçamento-simbólico)
7. Palladino RRR, Souza LAP, Carmo RCC, Pereira DR, Cunha MC. A mãe e o processo alimentar da criança. *Rev Cient Multidiscip Núcleo do Conhecimento*. 2022;2(02):05-34. doi: [10.32749/nucleoconhecimento.com.br/saúde/processo-alimentar](https://doi.org/10.32749/nucleoconhecimento.com.br/saúde/processo-alimentar)
8. Freud S. Inibição, sintoma e angústia. In: Freud S, Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (Vol. XVII). São Paulo: Companhia das Letras; 2014. (Trabalho original publicado em 1926-1929).
9. Gusmão MH. Os transtornos e as dificuldades da alimentação. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam*. 2002; 5(1). doi: <https://doi.org/10.1590/1415-47142002001005>
10. Vendruscolo JF, Bolzan GM, Crestani AH, Souza APR, De Moraes AB. A relação entre o aleitamento, transição alimentar e os indicadores de risco para o desenvolvimento infantil. *Distúrb Comum*. 2012; 24(1): 41-52.
11. Leonidas C, Santos MA. Saldo não liquidado do legado transgeracional: o processo de separação-individuação na gênese precoce dos transtornos alimentares. 25(2). Rio de Janeiro: Ágora; 2022.

12. Moura SMSR, Aratijo MF. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicol. cienc. prof.* 2004; 24(1): 44-5. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>
13. Algranthi LM. Famílias e vida doméstica. In: Novais FA, Mello e Souza L. História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. Vol. 1, São Paulo: Cia das Letras, 1997. 84-154.
14. Ariés P. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC; 1981.
15. Almeida MI. Maternidade: um destino inevitável? Rio de Janeiro: Campus; 1987.
16. Vasconcelos NC, Vasconcellos M, Doczy AP, Diniz APF. Principais óbices na amamentação e repercussões do desmame precoce: revisão sistemática. *Recima21 - Rev Cient Multidiscip.* 2023; 4(4): e443021. doi:10.47820/recima21.v4i4.302.
17. Powell F, Farrow C, Meyer C, Haycraft E. The Stability and Continuity of Maternally Reported and Observed Child Eating Behaviors and Feeding Practices across Early Childhood. *Int J Environ Res Public Health.* 2018;15(5):1017. <https://doi.org/10.3390/ijerph15051017>
18. Lopes WC, Marques FKS, Oliveira CF, Rodrigues JA, Silveira MF, Caldeira AP, Pinho L. Alimentação de crianças nos primeiros dois anos de vida. *Rev Paul Pediatr.* 2018; 36(2): 200-207. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2018;36;2;00004>
19. Miranda VSG, Flach K. Aspectos emocionais na aversão alimentar em pacientes pediátricos: interface entre a fonoaudiologia e a psicologia. *Debat Psicol. Estudo.* 2019; 24: e45247. doi: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.45247>
20. Jesus LMR, Basso CSD, Castiglioni L, Monserrat AL, Arroyo MAS. Acompanhamento fonoaudiológico de crianças nascidas pré-termo: desempenho alimentar e neuropsicomotor. *Rev. CEFAC.* 2020; 22(4): e15119. doi: 10.1590/1982-0216/202022415119
21. Arouca GC. Memórias de mães de crianças, adolescentes e jovens adultos sobre a alimentação. [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Curso de Fonoaudiologia. Faculdade de Ciências Humanas da Saúde; 2022.
22. Botelho, R. Percepções e condutas maternas quanto à alimentação de crianças com múltiplas deficiências e problemas alimentares e de linguagem oral. [dissertação de mestrado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de estudos pós-graduados em Fonoaudiologia; 2017.
23. Rocha GP, Oliveira MCF, Avila LBB, Longo GZ, Cotta RMM, Araújo RMA. Condicionantes da amamentação exclusiva na perspectiva materna. *Cad Saude Publica.* 2018; 34(6). doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00045217>
24. Ossa GMP. Motivações para o prolongamento da amamentação. *Acta Paul Enferm.* 2020;33. doi: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0112>.
25. Andrade Moura FEG, Santos MA, Ribeiro PP. A constituição da relação mãe-filha e o desenvolvimento dos transtornos alimentares. *Estud. psicol.* 2015; 32(2): 233-47. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200008>
26. Lèvi-Strauss C. O cru e o cozido. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
27. Brito MEF, Mettel TPL. Um estudo naturalístico do comportamento de pré-escolares durante a refeição. *Psicol Teor Pesq.* 2012; 28(1): 1-13. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100004>
28. Laraia, R.B. Claude Lèvi-Strauss, quatro décadas depois: as mitológicas. *Rev. Bras. Ci. Soc.* 2006;21(60). doi: [org/10.1590/S0102-69092006000100010](https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000100010)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.